

JOGADORES, POETAS E HISTORIADORES

E os jogadores de baralho? Se a má sorte perseguir um adepto das cartas, certamente ele procurará estudar bem os presentes para descobrir se ninguém é "calixto", ou seja, pé-frio. Se for... E pior de tudo se o "calixto" for "piru", os indefectíveis chatos que ficam "sapeando" o jogo alheio e, pior de tudo, dando palpites. Se jogador algum gosta de "pirus", gostará deles menos ainda se descobrir que o tipo é "calixto". E não faltam nos jogadores os amuletos: a gravata de uma determinada cor, o anel no dedo mínimo, o lenço com três pontas no bolso do paletó, os talismãs individuais, etc. etc.

E que não me venham falar que crença no azar é coisa de grande ignorante. Victor Hugo, um dos maiores poetas da língua francesa, não sentava-se à mesa com 13 pessoas nem que todos os demais convidados fossem reis e imperadores: ou saía fora um, ou admitia-se outro conviva a mais, o 14.º. Treze é a "dúzia do diabo", na crença popular, e o grande poeta pagava seu tributo. Gabrielle D'Annunzio, grande inteligência infelizmente ligada ao fascismo, perdeu uma vista numa sexta-feira 13 e depois disso, tornou-se mais que respeitador desta tradição. E aqui no Brasil, nosso grande Sérgio Buarque de Holanda, que além de ser pai do Chico, escreveu livros sobre a nossa história como dificilmente se fará igual, não fuma o décimo-terceiro cigarro do maço, nem permite que quem quer que seja o faça. Ele abre o maço, conta um por um, conforme vai fumando, e ao chegar no número do azar, esmaga-o. E faz o mesmo com a décima-terceira dose de uísque.

Além disso, não usa roupa marrom nem que a vaca tussa, cante e chore. E vá alguém dizer perto dele que superstição de número 13 é coisa de ignorante, que o Velho vai e dá uma daquelas suas aulas magistrais de História, de se deixar o ouvinte embasbacado com a sua erudição e profundidade de análise.